

19 A 21 DE
NOVEMBRO
DE 2018



II COLÓQUIO INTERNACIONAL
DE ESTUDOS GRECO-ROMANOS

USOS DO ESPAÇO NO MUNDO ANTIGO



LABORATÓRIO DE ESTUDOS
SOBRE O IMPÉRIO ROMANO

II COLÓQUIO INTERNACIONAL DE ESTUDOS GRECO-ROMANOS

USOS DO ESPAÇO NO
MUNDO ANTIGO

VITÓRIA, ES
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
UNIVERSIDADE DO MINHO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
UNIDADE DE ARQUEOLOGIA DA UMINHO
LABORATÓRIO DE ESTUDOS SOBRE O IMPÉRIO ROMANO (LEIR/ES)

PROGRAMA E RESUMOS

II Colóquio Internacional de Estudos Greco-Romanos

Usos do espaço no Mundo Antigo

19 a 21 de novembro de 2018

Vitória, Espírito Santo, Brasil



Reitor da UFES: Reinaldo Centoducatte
Reitor da UMinho: Rui Vieira de Castro
Coordenador do PPGHis: Gilvan Ventura da Silva
Presidente da Unidade de Arqueologia da UMinho:
Maria Manuela R. Martins

COMISSÃO ORGANIZADORA

Gilvan Ventura da Silva
Érica Cristhyane Morais da Silva
Belchior Monteiro Lima Neto

COMISSÃO CIENTÍFICA

Fábio de Souza Lessa (UFRJ)
Helena Amália Papa (UNIMONTES)
Jorge Manuel Pinto Ribeiro (UMINHO)
Semíramis Corsi Silva (UFSM)

EDITORAÇÃO E PROJETO GRÁFICO

João Carlos Furlani

MONITORES

Amanda Righetti
Aylla Fernandes de Oliveira
Bruna Mozini Subtil
Edalma Nepomoceno Pina
Esdra Erlacher
Igor Pereira da Silva

PROGRAMAÇÃO

19 DE NOVEMBRO (2ª FEIRA)

10:30h às 11:00h – **Solenidade de abertura**

11:00h às 12:00h – **Conferência de abertura**

Manuela Martins (Universidade do Minho)

Arquitetura, poder e identidade nas cidades romanas do NO da Hispânia

14:00h às 16:00 h - **Mesa de Palestras I**

Luciane Munhoz de Omena (UFG/Leir)

Necrópole de “Isola Sacra” e suas arquiteturas sociais

José Guilherme Rodrigues da Silva (Ufes/Leir)

O templo de Vênus Ericina em “O pequeno cartaginês”, de Plauto

Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes/Leir)

A arena pública de Cartago como espaço de recuperação da “honor” de Apuleio de Madaura (séc. II d.C.)

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de Palestras II**

Margarida Maria de Carvalho (Unesp/Leir/CNPq)

O espaço de enterramento do imperador Juliano: um encontro entre a vida e a morte (363 d.C.)

Silvia Marcia Alves Siqueira (Uece)

O deserto é também um lugar de mulheres: semântica espacial e vivências femininas na obra “História Lausíaca”, de Paládio (séc. IV-V d.C.)

João Carlos Furlani (Ufes/Leir/Fapes)
Cristianização na cidade pós-clássica: as disputas pelo espaço de Constantinopla

18:30h às 20:30h – **Minicurso**

20 DE NOVEMBRO (3ª FEIRA)

13:30h às 16:00h - **Mesa de Palestras III**

Maria Cristina Kormikiari (Usp/Mae)
Paisagens culturais norte-africanas: entre o deserto, a montanha e o mar

Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG/Leir/CNPq)
Entre o prático e o poético: usos do espaço na obra “Dittochaeon”, de Prudêncio

Roberta Alexandrina da Silva (UFPA))
Paulo e os outros cristãos: os usos dos espaços urbanos no missionarismo de Paulo de Tarso e os distintos cristianismos

Carolline da Silva Soares (Ufes/Leir/Capes)
A construção de isotopias e heterotopias no tratado “De habitu uirginun”, de Cipriano de Cartago

16:00h às 16:30h – **Intervalo**

16:30h às 18:30 h – **Mesa de Palestras IV**

Renan Frighetto (UFPR/Nemed/CNPq)
Da liberdade à reclusão: os espaços de confinamento político no reino hispano-visigodo de Toledo (séc. VI-VII)

Gilvan Ventura da Silva (Ufes/Leir/CNPq)

Medo e fúria pelas ruas da cidade: o governo de Galo César em Antioquia (351-354)

Érica Cristhyane Morais da Silva (Ufes/Leir)

O platô de Dafne na Antiguidade Tardia: os usos do espaço e a relação com Antioquia de Orontes

18:30h às 20:30h – **Minicurso**

21 DE NOVEMBRO (4^a FEIRA)

8:00 às 10:00h – **Minicurso**

10:30h às 11:30 h – **Conferência de encerramento**

Luís Fontes (UMinho)

Elites, santos e arquiteturas na região de Braga: redes de comunicação e circulação de modelos na construção da identidade cristã no Noroeste Peninsular na Antiguidade Tardia

RESUMOS

ENTRE O PRÁTICO E O POÉTICO: USOS DO ESPAÇO NA OBRA *DITTOCHAEON*, DE PRUDÊNCIO

Ana Teresa Marques Gonçalves (UFG/Leir/CNPq)

Os poemas de Aurélio Prudêncio Clemente ainda têm sido pouco estudados no Brasil. Expressando uma prática proselitista cristã típica do IV século d.C., este autor coloca sua poesia à disposição de uma releitura bíblica bastante peculiar. Propomo-nos, então, apresentar algumas reflexões acerca de um conjunto de quarenta e oito pequenos poemas, que nos chegaram reunidos sob o título em grego *Dittochaeon*, ou seja, o duplo alimento. Trata-se de uma coletânea de epigramas produzidos em hexâmetros dactílicos, nos quais Prudêncio se refere a vinte e quatro passagens do Antigo e vinte e quatro passagens do Novo Testamento, que são expostas de forma poética como lemas a serem estudados pelos neófitos cristãos. São verdadeiras "cenas visuais", isto é, referências a lugares e ações que não podem deixar de ser conhecidos pelos que dizem terem se convertido à fé cristã.

A ARENA PÚBLICA DE CARTAGO COMO ESPAÇO DE RECUPERAÇÃO DA HONOR DE APULEIO DE MADAURA (SÉC. II D.C.)

Belchior Monteiro Lima Neto (Ufes/Leir)

Como componente fundamental das cidades romanas, a arena pública se caracterizava como um lugar de sociabilidade, de troca de informações e de interlocução, um ambiente propício para a delimitação da *honra* ou da infâmia dos cidadãos. Neste espaço de exposição, de "representação do eu", Apuleio se distinguiu como um afamado orador, escritor e filósofo, encontrando distinção em Cartago após ser estigmatizado e acusado de *magus* em Oea.

Estabelecendo-se na capital da África Proconsular após seu julgamento por *crimen magiae*, Apuleio se apropriou da arena pública cartaginesa, principalmente do teatro da cidade, como um vetor estratégico de autopromoção de sua identidade. Assim sendo, por intermédio da análise dos discursos laudatórios contidos na obra *Florida*, observa-se o modo como Apuleio utilizou a arena pública de Cartago como um espaço privilegiado para a recuperação de sua *honor* perante a sociedade romano-africana de meados do século II.

A CONSTRUÇÃO DE ISOTOPIAS E HETEROTOPIAS NO TRATADO *DE HABITU VIRGINVM*, DE CIPRIANO DE CARTAGO

Carolline da Silva Soares (Ufes/Leir/Capes)

No tratado *De habitu virginum*, Cipriano, bispo de Cartago entre os anos 249 e 258, formula um discurso moral referente à disciplinarização do corpo da virgem cristã, cunhando um conjunto de normas direcionadas a elas, como, por exemplo, os espaços citadinos em que elas podiam frequentar e nos quais eram proibidos de transitar. Diante do cotidiano e das redes de sociabilidade criadas pelas virgens cristãs na cidade cartaginesa, Cipriano demonstra, em sua obra, que elas não se comportavam da maneira desejada por ele, ou seja, as virgens que estavam sob os cuidados do bispo cartaginês transgrediam claramente as normas episcopais estabelecidas. Diante desse contexto, objetivamos associar os espaços descritos pelo bispo aos conceitos de *isotopia* e *heterotopia* cunhados por Henri Lefebvre, para assim averiguar a construção de lugares sagrados e profanos na cidade de Cartago, em meados do século III d. C, por Cipriano.

O PLATÔ DE DAFNE NA ANTIGUIDADE TARDIA: OS USOS DO ESPAÇO E A RELAÇÃO COM ANTIOQUIA DE ORONTES

Érica Cristhyane Morais da Silva (Ufes/Leir)

Dafne é conhecida como o célebre subúrbio de uma dentre as mais famosas cidades do mundo antigo, Antioquia de Orontes, metrópole da Síria antiga, mas, foram raras as vezes em que a história daquele platô foi tratada por sua própria posição na história das cidades e do território romano na Antiguidade Tardia. A história de Dafne é sempre relacionada à cidade de Antioquia, dando a esta última mais destaque e proeminência em termos de importância. Por vezes, esquecemos que isso não foi sempre assim. Glanville Downey (2015, p. 19) destaca: na “antiguidade, o subúrbio de Dafne era tão famoso quanto Antioquia e a cidade era, por vezes, chamada ‘Antioquia de Dafne’. Esta proposta de reflexão deve muito à retomada do debate iniciada pela realização de um Colóquio dedicado à história de Dafne intitulado “*Daphné, faubourg d’Antioche sur l’Oronte*” ocorrido em 2011, na Universidade Jean Moulin, de Lyon, e organizado pelas especialistas Bernadette Cabouret e Catherine Saliou. O que este Colóquio nos levou a perceber é que ainda há muito o que compreendermos sobre a história do platô de Dafne. Logo, nesta comunicação, buscaremos refletir sobre a história deste platô a partir do olhar do território e dos usos do espaço de Dafne para somente, em seguida, refletirmos sobre a relação construída com a cidade de Antioquia. Recorreremos à documentação de cultura material e escrita, em particular, a borda topográfica do mosaico de Yakto e os escritos de Libânio à luz da produção historiográfica recente e dos relatórios de escavação.

MEDO E FÚRIA PELAS RUAS DA CIDADE: O GOVERNO DE GALO CÉSAR EM ANTIOQUIA (351-354)

Gilvan Ventura da Silva (Ufes/Leir/CNPq)

As ruas da cidade, com as quais os usuários costumam manter intensa familiaridade, não raro se convertem num espaço perigoso, hostil, ameaçador tanto em virtude da frequência e intensidade dos atos de violência que abrigam quanto da vigilância que busca enquadrar a rotina dos atores sociais, capturando-os numa rede de micro poderes que se irradia pelo espaço público e alcança até mesmo as residências privadas. Na Antiguidade Tardia, um episódio parece ilustrar muito bem essa possibilidade de conversão da cidade e suas ruas num suporte privilegiado para o exercício discricionário do poder mediante a teatralização da violência e do conflito. Nos referimos aqui à estadia do César Galo em Antioquia entre 351 e 354, quando a metrópole da província da Síria *Coele* se encontra sob o comando de um soberano que, na tentativa de consolidar sua posição, não hesita em colocar em risco a própria ordem urbana.

CRISTIANIZAÇÃO NA CIDADE PÓS-CLÁSSICA: AS DISPUTAS PELO ESPAÇO DE CONSTANTINOPLA

João Carlos Furlani (Ufes/Leir/Fapes)

Ao refletirmos sobre as práticas religiosas cristãs no Império Romano, a expansão do cristianismo e sua institucionalização no período tardo-antigo, nos deparamos com uma situação que envolve questões político-religiosas e geográficas importantes para a compreensão do espaço citadino, uma vez que a expansão dos distintos grupos cristãos interferiu na capacidade que estes tinham de exercer influência sobre as paisagens arquitetônicas. É importante enxergarmos as cidades não apenas como espaços físicos, mas

também como espaços de imaginação e de representação produzidos por relações cotidianas. Sob essa ótica, pretendemos discutir, nesta comunicação, alguns mecanismos e estratégias que foram utilizados para transformar a cidade pós-clássica num espaço de devoção apropriado aos cristãos, além das ações de natureza política exercidas pela casa imperial. Para tanto, elegemos como estudo de caso a cidade de Constantinopla sob o episcopado de João Crisóstomo (397-404). Acreditamos que a experiência de João como bispo da Capital – que envolve conflitos e disputas de poder entre os distintos grupos que compunham a cidade – nos possibilite compreender o processo de apropriação e ressignificação da *urbs* pelos cristãos.

O TEMPLO DE VÊNUS ERICINA EM O PEQUENO CARTAGINÊS, DE PLAUTO

José Guilherme Rodrigues da Silva (Ufes/Leir)

A comédia *O pequeno cartaginês* (*Poenulus*), de Plauto, as personagens fazem alusão à Afrodísia, festival em honra de Vênus, e a oferendas para Vênus em seu templo. Existiam em Roma dois templos para Vênus Ericina, um construído no Capitólio em 215 a.C., portanto, dentro da área do *pomerium*, e outro fora da Porta Colina, construído em 181 a.C., ambos dedicados no dia 23 de abril. Autores modernos defendem que, devido à localização dos templos, apenas o segundo, dedicado em 181 a.C. e fora do *pomerium*, foi frequentado por prostitutas, as quais sacrificavam a Vênus no dia 23 de abril, durante a celebração da *Vinalia Priora*. Procuramos aqui demonstrar que Plauto alude ao festival da *Vinalia Priora* e a celebrações realizadas no templo construído sobre a colina do Capitólio. Propomos também uma nova data para a primeira apresentação da comédia *O pequeno cartaginês*.

NECRÓPOLE DE ISOLA SACRA E SUAS ARQUITETURAS SOCIAIS

Luciane Munhoz de Omena (UFG/Leir)

A morte na sociedade romana destacava-se não somente nas narrativas textuais, como, Ausônio e Sêneca, mas sobretudo nos vestígios materiais. Neles, dispomos de uma variedade de registros em formas de altares, estelas, epitáfios, afrescos, mosaicos, sarcófagos, urnas, edifícios funerários e a própria necrópole incorporando, dessa forma, todos os elementos, aqui, reportados. Sabemos, pois, que os monumentos mortuários se localizavam em estradas romanas, já que seguiam as prescrições da lei romana. Ao se posicionarem nas vias de acesso das cidades, os edifícios tornavam suas posições privilegiadas, transformando-se em observatório dos transeuntes. Consideramos, por consequência, a visibilidade dos *tumuli* uma questão imprescindível, à medida que investiam não somente no capital simbólico, *status* e privilégio social, entretanto também tínhamos o emprego do capital econômico. Muitas vezes, ao encomendarem suas tumbas ou mesmo prescrevendo-as em testamento, tal como se percebe na construção piramidal de *Caius Cestius*, localizada na *Via Ostiense*, em Roma, utilizavam materiais com um alto custo, como, o mármore. Para tanto, nesta ocasião, nos debruçaremos à compreensão da necrópole de *Isola Sacra*, ao Norte de Óstia, como uma arquitetura social, uma vez que os familiares do morto, o falecido e a própria comunidade ganhavam relevo no espaço público, immortalizando, deste modo, os seus mortos.

ELITES, SANTOS E ARQUITETURAS NA REGIÃO DE BRAGA: REDES DE COMUNICAÇÃO E CIRCULAÇÃO DE MODELOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE CRISTÃ NO NOROESTE PENINSULAR NA ANTIGUIDADE TARDIA

Luís Fontes (Universidade do Minho/Unidade de Arqueologia)

Partindo do caso de estudo de Braga, aborda-se a questão da presença, nos séculos V-VII, de diferentes modelos arquitetónicos de templos cristãos, modelos que denunciam a existência de influências diversas e, conseqüentemente, distintos contextos de circulação de comunicação. A partir da análise arqueológica dos modelos arquitetónicos da igreja de Santa Marta das Cortiças (Falperra), do séc. V, da basílica de São Martinho (Dume), do séc. VI e do mausoléu de São Frutuoso (Real), do séc. VII, nos quais se detetam influências oriundas da zona adriática, através de percursos continentais, por Ravenna, Milão e Tours e também marítimos, pelo Sul Peninsular e Norte de África, discute-se a existência de uma surpreendente atualização de modelos construtivos. Com o contributo das fontes históricas abordar-se-ão ‘os caminhos’ da difusão do culto dos santos e de relíquias e as redes de contatos das elites locais, discutindo-se a aparente correlação com ‘os caminhos’ dos modelos arquitetónicos. Procuraremos compreender, através da análise da hagiotoponímia, as origens e eventuais percursos dos oragos presentes na paisagem cristã antiga de Braga - poderá explicar-se a predominância dos santos mártires das igrejas orientais, muitos dos quais venerados exclusivamente na Península Ibérica, pelos reconhecidos contatos diretos ou indiretos com o Oriente? Abordar-se-á, finalmente, através da caracterização geopolítica das suas redes de contatos, o papel das elites na adoção de modelos arquitetónicos e na difusão do culto dos santos.

ARQUITETURA, PODER E IDENTIDADE NAS CIDADES ROMANAS DO NO DA HISPÂNIA

Manuela Martins (Universidade do Minho/Unidade de Arqueologia)

A criação de cidades no NO da Hispânia, posteriormente às guerras cantábricas, representou um poderoso mecanismo de transformação do território e da paisagem, bem como um importante contexto de aculturação das populações indígenas, assegurando os necessários mecanismos de integração que garantiram a estabilidade da região e a difusão dos modelos de organização romanos. Neste contexto, a imposição do urbanismo ortogonal e dos modelos arquitetónicos itálicos pode ser percebida como mais uma forma de imposição do controlo romano sobre o território e os seus habitantes, cujo comportamento foi obrigado a adaptar-se a novos cenários, lugares e usos. Assim, as novas cidades, com os seus edifícios públicos e privados, constituíram-se como contextos ordenadores de novos poderes e identidades que, com diferentes ritmos, metamorfosearam a forma de organização e a cultura indígena que caracterizava as populações pré-romanas da região. Tendo por base os conhecimentos facultados pela Arqueologia relativos às três cidades fundadas por Augusto como capitais de conventos da região do NO peninsular (*Bracara Augusta, Lucus Augusti e Asturica Augusta*), procuraremos avaliar o papel da arquitetura na criação de novas narrativas e identidades, com expressão no modo de usar o espaço e na recomposição social do meio indígena.

O ESPAÇO DE ENTERRAMENTO DO IMPERADOR JULIANO: UM ENCONTRO ENTRE A VIDA E A MORTE (363 D.C.)

Margarida Maria de Carvalho (Unesp/Leir/CNPq)

A morte do Imperador Juliano e o local de seu enterramento foram motivos de muitos embates tanto entre os autores da Antiguidade Tardia (séculos IV e V d. C.) quanto entre os historiadores e arqueólogos da contemporaneidade. É sabido que o Imperador Juliano morreu a beira dos rios Tigre e Eufrates durante a sua campanha militar contra os persas (363 d. C.), e seu corpo foi transportado por seu sucessor Joviano e pela guarda imperial até a cidade de Tarso. As circunstâncias da sua morte são exaustivamente comentadas por autores cristãos, como Efraim de Nísibis e Gregório de Nazianzo, e não cristãos, como Amiano Marcelino e Libânio, se especificarmos, apenas, os autores do século IV d. C. Outra discussão relevante desses autores diz respeito ao local de enterramento de Juliano, o imperador foi enterrado no espaço citadino de Tarso, onde gostaria de retornar e edificar sua sede imperial após as guerras persicas. Destaco também que Juliano repudiava a ideia de regressar a Antioquia, cidade onde ocorreram os treinamentos militares para a guerra. Quase um século depois (457 d. C.), o autor não cristão Zózimo noticia que o corpo de Juliano é trasladado de Tarso para a Igreja dos Santos Apóstolos de Constantinopla, questão ainda polêmica na historiografia atual. Portanto, existem dois espaços citadinos de sepultamento do Imperador. Nessa comunicação, pretendo discutir o primeiro, assim o que significava o espaço da cidade de Tarso para Juliano anteriormente a sua morte e como tal espaço adquiriu relevância após o seu sepultamento, tanto no que diz respeito às questões político-administrativas quanto às político-religiosas.

PAISAGENS CULTURAIS NORTE-AFRICANAS: ENTRE O DESERTO, A MONTANHA E O MAR

Maria Cristina Kormikiari (Usp/Mae)

O Norte da África caracteriza-se geograficamente por sua grande extensão. Podemos vê-lo subdividido em três macro áreas ambientais que, em grande medida, unificam o território uma vez que se estendem longitudinalmente. Em cada uma das três macro-áreas, um elemento definidor se impõe, ao sul, o deserto e/ou sua proximidade iminente, ao norte, o mar, o Mediterrâneo, o cimento líquido nas palavras de Michel Gras, e, entre os dois, as montanhas e planaltos elevados do Tell. A ocupação humana em cada uma dessas paragens foi impactada e impactou o ambiente ao redor. Seja os povos autóctones, nômades, getulos, garamantes, sejam novos colonizadores fenícios e conquistadores romanos, todos tiveram que se adaptar, seja às próprias paisagens naturais norte-africanas, seja uns aos outros. Em nossa comunicação pretendemos apontar estudos de caso arqueológicos que têm jogado luz à dialética dessas relações, muito complexas e ricas. Apresentaremos os resultados do Libyan Valley Project, no deserto líbio, o sítio de Iol, cidade fenício-berbere do litoral argelino, e o caso de Constantina, a antiga Cirta, capital nômada, encravada no alto de um plateau no Tell argelino.

DA LIBERDADE À RECLUSÃO: OS ESPAÇOS DE CONFINAMENTO POLITICO NO REINO HISPANO-VISIGODO DE TOLEDO (SÉCULOS VI-VII)

Renan Frighetto (UFPR/Nemed/CNPq)

Ao longo da Antiguidade Tardia (séculos II-VIII), as querelas políticas e os antagonismos religiosos acabaram gerando confrontações que envolviam a autoridade imperial e régia, segundo

o contexto que optarmos em analisar. De fato, tanto no *Império Romano tardio* como no período subsequente, que denominamos como a *romanidade bárbara* – perceptível nos territórios da *Pars Occidentalis* do mundo romano onde fixaram-se as monarquias romano-bárbaras – notamos a ação e o posicionamento mais severo por parte da autoridade constituída em relação aos agentes políticos e religiosos opositores que, de acordo com a atitude por eles cometida, sofriam a imposição de penalizações existentes na legislação laico-religiosa de afastamento dos acusados de conspirarem contra o *imperator/rex*. A proscrição e o exílio ganhavam, assim, um destaque como penalizações de caráter político e com uma temporalidade, em muitos casos, indefinida. Encontramos nas fontes manuscritas algumas das localidades para as quais os proscritos e os exilados eram enviados e, em casos mais restritos, as condições físicas e materiais daqueles espaços de confinamento político. Alguns destes casos são apresentados pelas fontes hispano-visigodas e serão objeto de nossa análise no presente estudo.

PAULO E OS OUTROS CRISTÃOS: OS USOS DOS ESPAÇOS URBANOS NO MISSIONARISMO DE PAULO DE TARSO E OS DISTINTOS CRISTIANISMOS

Roberta Alexandrina da Silva (UFPA)

Os momentos iniciais do cristianismo despertam profunda curiosidade, como nos tempos atuais nenhum outro fenômeno antigo foi alvo de intensa pesquisa. Não obstante, é insofismável a importância de Paulo de Tarso para a difusão do movimento cristão, em seus momentos iniciais, e pela fundamentação teológica que prefigurou posteriormente na Cristandade. Paulo foi um homem urbano e nisso a cidade transparece em sua linguagem, ao passo que constrói suas metáforas por um grego fluente. As datas das epístolas autênticas abrangem pouco mais de uma década da vida de Paulo,

simplesmente o último terço de sua carreira cristã e seus relatos de planos de viagens são fragmentários. E sua atividade missionária – de acordo com Atos dos Apóstolos e o *corpus paulinum* –, abrange os vários lugares da fronteira Jerusalém-Ilírio, tendo a maior parte da atividade de Paulo na Galácia, Macedônia, na Grécia e na Ásia Menor. O mundo mental de Paulo é o das províncias orientais de língua grega, especificamente o mundo judeu que fala grego, e nisto se percebe diferenciações em aspectos culturais e políticos entre esses espaços urbanos. Portanto, este trabalho tem a pretensão de discutir a utilização dos espaços urbanos no missionarismo paulino, destacando, portanto, as distinções entre as comunidades. Partindo de uma análise de documentos escritos como os Atos dos Apóstolos e *corpus paulinum*, as cartas autênticas e deuteropaulinas, e da cultura material, vestígios arqueológicos, pode-se entreter como Paulo e seus seguidores se utilizaram dos distintos ambientes urbanos para o seu missionarismo, além de quais discursos e grupos se direcionavam; para em seguida, debater quais os outros tipos de ‘cristianismo’ que rivalizavam.

**O DESERTO É TAMBÉM UM LUGAR DE MULHERES:
SEMÂNTICA ESPACIAL E VIVÊNCIAS FEMININAS NA OBRA
HISTÓRIA LAUSÍACA, DE PALÁDIO (SÉC. IV-V D.C.)**

Sílvia Marcia Alves Siqueira (Uece)

O deserto delimita um espaço geográfico cuja variedade semântica possibilita perceber um sistema histórico em que homens e mulheres transformam o lugar a partir de suas apropriações e vivências. Uma evidência desse gênero pode ser encontrada em Paládio, em sua obra “A História Lausíaca”, composta entre os anos de 419 e 420 com o objetivo de narrar as vidas homens e mulheres anacoretas no afã de suas experiências sociais e religiosas. O texto ocupa-se da descrição de episódios da segunda metade do quarto

século d.C., o período entre Constâncio II e Valente, os quais caracterizam a ética cristã e o monasticismo no Egito e na Ásia Menor. A obra é rica em práticas do espaço, de entradas e saídas do deserto de personagens variados inclusive várias mulheres: Alessandra, Macrina, Paula, Sabiniana, Teodora, Olímpia, Eugênia, Marcela, Vitalina e muitas outras cujo nome foi omitido, o número foi significativo, o autor menciona cerca de 3000, segundo ele em um único monastério do Egito havia quatrocentas mulheres em vida comum. Queremos aqui analisar as mulheres presentes nessa obra, atentando para as suas vivências de libertação e redenção espiritual a partir do espaço como a prática do lugar.

PROGRAMA DO MINI-CURSO

Diálogos de História Antiga: a Arqueologia e a reconstrução das paisagens da Antiguidade

MÓDULO 1:

A urbanização romana do NO peninsular

Manuela Martins

(Professora Catedrática de Arqueologia da UMinho)

Aula 1: A arqueologia das paisagens urbanas: as capitais de conventos jurídicos

Resumo: Discute-se a natureza dos dados facultados pela Arqueologia Urbana e o diferencial contributo das fontes arqueológicas para a reconfiguração historiográfica do mundo urbano da Hispânia romana. Equaciona-se o quadro das tês novas fundações urbanas do NO peninsular à luz dos dados textuais e

arqueológicos e caracteriza-se a diversidade dos contextos socio culturais onde são fixadas as cidades capitais de conventos: *Bracara Augusta*; *Lucus Augusti* e *Asturica Augusta*. Avalia-se a historiografia das investigações das três cidades e discutem-se os problemas relacionados com a Arqueologia Urbana e do diferencial aprofundamento do conhecimento. Realiza-se uma apresentação dos dados disponíveis para as três cidades e discute-se os horizontes de conhecimento em articulação com as tradições historiográficas regionais.

Aula 2: A arqueologia das paisagens urbanas: a rede de cidades secundárias e a densificação da urbanização romana

Resumo: Analisa-se a cronologia, bem como a problemática subjacente ao processo de urbanização romana do NO peninsular, com destaque para a hierarquização das cidades e para a densificação da rede urbana, em articulação com a rede viária. Avalia-se o contributo da Arqueologia para o conhecimento dos núcleos urbanos secundários, valorizando-se as capitais regionais e os aglomerados terciários tipo *vici*. Analisam-se as características e a particulares formas de organização destas expressões urbanas, bem como os seus equipamentos. Discute-se o papel das cidades secundárias na disseminação dos modos de vida romanos e no processo de aculturação das populações indígenas, bem como o seu importante papel na organização do território na Antiguidade Tardia.

MÓDULO 2:
O NO peninsular nos sécs. V-X:
novos poderes, novas paisagens

Luís Fontes

(Diretor da Unidade de Arqueologia da UMinho)

Aula 1: A organização do território: *civitas, vici, castella e pagi*

Introdução ao tema: breve resenha historiográfica do processo de transição entre o fim do domínio romano e a emergência de novas entidades sociopolíticas no NO peninsular: contextos, conceitos e dados. Aproximação aos modelos de povoamento e à organização administrativa do território, explorando as fontes documentais, com destaque para um dos mais importantes registos para a análise do tema, a *Divisio Theodomiri* ou “Paroquial Suévico”, bem como os mais recentes contributos proporcionados pela arqueologia.

Aula 2: Arquiteturas e poderes: o impacto da cristianização

Os templos cristãos constituíram-se, no decurso da Antiguidade Tardia, como espaços referenciais de poder e sociabilidade, assinalando a evolução da sociedade nos momentos que correspondem à passagem do mundo antigo para a Idade Média. Recorrendo às fontes arqueológicas e documentais pretende-se analisar as arquiteturas cristãs antigas de Braga dos séculos V-VIII para, através da compreensão dos processos construtivos subjacentes, questionar as relações entre arquitetura e poder. Pretende-se também, por comparação com as arquiteturas cristãs que se difundiram pelo ocidente europeu na transição da Antiguidade Tardia para a Alta Idade Média, identificar os traços comuns e/ou distintivos das arquiteturas cristãs antigas de Braga, refletindo sobre o significado cultural das semelhanças e das diferenças.



Entre os dias 19 e 21 de novembro de 2018 ocorrerá, no campus da Ufes, em Goiabeiras, o II Colóquio Internacional de Estudos Greco-Romanos: “Usos do espaço no Mundo Antigo”, uma atividade do Leir/ES em parceria com a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho, Portugal.

O evento ocorrerá no Auditório do IC II do Centro de Ciências Humanas e Naturais. Na oportunidade, contaremos com a presença de integrantes da equipe de Arqueologia Clássica da Universidade do Minho, além de destacados historiadores e arqueólogos brasileiros. O evento é uma iniciativa do Leir/ES com apoio do Programa de Pós-Graduação em História, da Capes e da Fapes.

Por intermédio do tema escolhido para o Colóquio, “Usos do espaço no Mundo Antigo”, pretende-se investigar as múltiplas funções desempenhadas pelo espaço entre gregos e romanos, tanto em contexto público quanto em contexto privado. Dentre as atividades previstas para o Colóquio, encontra-se a oferta de um minicurso sobre a importância da Arqueologia para a reconstrução das paisagens antigas, a ser ministrados pelos Profs. Drs. Maria Manuela Martins e Luís Fontes, da Universidade do Minho.

